

6. Considerações finais

Os objetivos que nortearam esta pesquisa visaram contribuir, do ponto de vista da pesquisa e do ensino, em relação: (i) à natureza da relação parafrástica entre a leitura prévia e os textos produzidos pelos alunos; (ii) às identidades discursivas e sociais construídas nos textos dos alunos.

Ao analisarmos as produções textuais, como prática social de escrita, consideramos que os alunos-escritores compreenderam que o significado da linguagem (escrita) não é exclusivo de um outro que a produz, mas é o resultado de um processo em que os sentidos são atribuídos pelo autor ao texto, no seu envolvimento com as relações socioculturais. Nesse sentido, novos significados são constituídos na produção de outro texto sob a forma de paráfrase e no acionamento de outros significados.

Retomamos, aqui, as nossas perguntas de pesquisa, para nossas reflexões:

- (i) Como os textos motivadores interferem na produção de textos dos alunos e qual é a sua funcionalidade?
- (ii) O trabalho pedagógico com textos motivadores impede ou não o processo criativo do aluno na construção do texto, que revela suas identidades sociais e discursivas?
- (iii) Que discursos são constituídos pelos alunos na produção de seus textos?
- (iv) De que forma as ideologias e o senso comum influenciam na construção discursiva e social dos alunos enquanto produtores de textos?

Em relação à pergunta (i), do ponto de vista da análise das relações parafrásticas, os alunos incorporam características do gênero narrativo motivador.

O texto de Tiago é um exemplo de paráfrase reprodutiva porque privilegia o resumo, não permitindo a expansão de ideias. Tatiana também reproduz o texto-fonte, mas utiliza as estratégias das substituições lexicais e semânticas e relações sinonímicas. No último parágrafo de seu texto, a aluna introduz uma informação

que não está presente no TM (o personagem André ingressa na escola) articulando-a com informações dos segmentos 2 e 5 do TM. Entendemos que a aluna, mesmo tendo se aproximado da reprodução, não fez uma mera repetição de ideias do texto fonte.

Os demais alunos retomaram em seus textos as palavras-chave do TM, mas não fizeram uma tradução literal. Ao reformularem seus textos, utilizaram dois processos: o de assimilação e o de transformação. De acordo com Laurent Jenny (apud Meserani 2002, p.72), cada texto entra numa relação “*de transformação e assimilação* de vários textos operados por um texto centralizador que detém o sentido e o comando”. Para Fuchs (1985, p.134) esse processo chama-se reformulação parafrástica, na qual se faz uma interpretação prévia, sendo variável de sujeito para sujeito: “cada um “percebe” e restaura o texto de modo diferente”. Dessa forma, a reformulação parafrástica consiste também, em “identificar a significação do texto-fonte assim reconstruída àquela do novo texto”.

Em relação à pergunta (ii), percebemos que, até mesmo com o texto motivador, o processo de produção de texto do aluno é criativo. A função do texto motivador não consistiu em “dar as ideias”, mas em possibilitar sua expansão de forma a contribuir para o envolvimento do aluno no exercício intertextual.

Vimos que os alunos acionam seus conhecimentos de mundo a partir dos referenciais presentes no texto motivador. A ordem desses conhecimentos no texto produzido, bem como a escolha das referências, dependeram das escolhas que o aluno-escritor fez; dos discursos que engendrou em seu texto, certamente interligados ao contexto sociocultural por ele vivenciado.

A realização da atividade permitiu-nos constatar que a maioria dos alunos conseguiu, a partir do contato com o texto-motivador, apreender os pontos-chave e criativamente relacioná-los aos seus conhecimentos de mundo, o que nos direciona a compreender que, sendo esse um exercício da intertextualidade, a paráfrase não teve apenas a função de retomar o repetível, o já-dito, mas de produzir novos significados, ampliando os sentidos do já-dito. Corroborando Fuchs (1982), sinalizamos que as manifestações parafrásticas se manifestam não só pela estrutura linguística, como também são motivadas pelo contexto social.

Em relação à pergunta (iii), sobre os discursos construídos pelos alunos na produção de seus textos, o aluno, enquanto escritor, ao construir seu texto em

forma de narrativa, trouxe suas vivências da infância e adolescência, seu grupo social, especialmente a família, a religião, e tais fatos deram vida aos textos. É importante ressaltar que as histórias de vida que foram escritas trazem temáticas variadas tais como: doenças, violência, sofrimento, lutas, superações, conquistas. A maioria desses temas relaciona-se aos contextos familiar, religioso, escolar, acionando lugares e ambientes onde vivem ou viveram (cidade, bairro, rua), e fazem emergir as redes de relações sociais.

Os textos produzidos pelos alunos apresentam várias semelhanças, dentre as quais todos eles dão importância necessária para o convívio familiar. Suas construções identitárias se revelam sempre no contexto da família. A visão que eles têm desse contexto social é de sofrimento, ao retratarem situações de trabalho na infância, as responsabilidades adquiridas e a ausência da figura paterna.

Os discursos construídos nos textos dos alunos mostram também as relações de poder que são estabelecidas no cerne do contexto familiar. A subordinação da mulher ao homem é função de um discurso que se orienta pela preservação dos princípios da hegemonia cultural masculina. Os textos analisados evidenciam que a violência determina o poder do homem dentro da família. Em contraponto, a narrativa de Lia (Bianca), por exemplo, mostra que a mãe, ao denunciar o marido por agredir a filha, quebra essa ideologia de que a mulher é submissa e por isso não aceita as agressões por parte do marido.

Nos discursos acionados sobre o trabalho, perpassa um interdiscurso baseado em uma formação ideológica que nos leva a refletir sobre os problemas econômicos e sociais que se abatem sobre as famílias dos personagens das narrativas e servem para justificar o ingresso prematuro no mercado de trabalho.

A leitura que os alunos-autores fazem da realidade em que vivem são de famílias desestruturadas, que dependem do auxílio dos filhos para se sustentarem. Há uma formação ideológica, de nível macro, de que crianças deveriam dedicar-se apenas à escola. No entanto, o que se depreende dos textos é que crianças e adolescentes não vivem o seu tempo de infância porque precisam arcar com as responsabilidades de adultos e, com isso, apresentam um “amadurecimento” precoce e muitas vezes abandonam os estudos porque não conseguem se dedicar à escola e ao trabalho simultaneamente.

Em contrapartida, alunos trazem situações em que os pais se ausentam do âmbito familiar devido ao trabalho. Nesse sentido, a relação família-trabalho

retrata uma sociedade cada vez mais voltada para o trabalho e, muitas vezes, são gerados conflitos dentro do ambiente familiar.

Nas histórias escritas por Renato e Cátia, os laços afetivos são construídos como desestruturados por não haver tempo de viverem em família. Há um desejo latente nos personagens de terem uma vida em família, de terem a presença dos pais. Em decorrência, Renato constrói uma história que revela a vulnerabilidade dos jovens durante a adolescência quanto às influências externas tornando-se frequentes quando os adultos, de maneira especial os pais, estão ausentes na família. Assim, Renato (Tarso) traz a temática das drogas e das identidades de grupo.

O aluno, ao tratar do assunto das drogas, tem como objetivo indicar que é um problema que pode envolver pessoas de qualquer classe social. Além disso, ele traz essa temática a fim de mostrar o quanto é importante o convívio em família e que muitas vezes é preciso passar por situações difíceis para que os laços familiares sejam realmente (r)estabelecidos.

Em relação à pergunta (iv), sobre as ideologias e o senso comum presentes na construção discursiva e social dos alunos, as mesmas remetem a discursos sobre o trabalho infantil, as relações e papéis no âmbito da família, colocados em questão pelos autores dos textos. Os alunos constroem ainda trajetórias de superação mediadas pela ação divina através de um discurso religioso não agentivo, visto que não há a intenção de conversão de outrem e sim o de relatar, por meio do testemunho de fé, os feitos de Deus, conforme vimos no texto de Eliza. Percebemos que há um senso comum ligado à religião, nas quais todas as situações do cotidiano, positivas ou negativas, têm a interferência de Deus.

Constatamos, por meio das análises das produções, que as ideologias influenciam a construção discursiva e social dos alunos, seja nas relações com a família, seja no que diz respeito ao trabalho, seja no discurso religioso. Dessa forma, através da análise dos dados, percebemos que as ideologias são desveladas na prática discursiva.

A partir dos resultados da pesquisa, como professora e pesquisadora, pude refletir sobre os significados sociais produzidos na prática de produção dos textos dos alunos. Influências certamente há, a partir de textos motivadores; no entanto, os dados confirmam que a maioria dos alunos consegue articular e produzir seus discursos junto às ideias presentes no texto-fonte.

A complexa rede social de interação indica, como nos diz Ivanic (1998), que “quem somos afeta a forma como escrevemos”, isto é, as nossas posições, as relações sociais que são criadas por nós como consequência de nossa classe social, etnicidade, sexo, profissão, construídas no contexto social-cultural em que vivemos, influenciam na maneira como falamos e como escrevemos.

Cabe-nos, a partir desses resultados, refletir sobre o papel da escola em relação às construções de identidade desses alunos, através da produção textual, e de que maneira podemos, junto a eles, fazer reflexões sobre a ordem social envolvida de forma a termos um papel mais agentivo e de transformação social.